

**Congresso internacional de
PATRIMÓNIO CULTURAL E INTERVENÇÃO ARTÍSTICA (CIPC2017)
ESECS-IPL: 26, 27 outubro 2017**

TEMA: Reflexões sobre Património Cultural e Intervenção Artística

SUBTEMA: Literatura e Património

Cristina Nobre (CICS.Nova-IPL): *Afonso Lopes Vieira: os Serões de Alcobaça como edificação de um património português e do mundo*

RESUMO: Com os *Serões Literários* ou *Serões de Arte*, realizados em Alcobaça em 1913, 1929, 1935 e 1941, Afonso Lopes Vieira instituiu o património monumental e imemorial português, através da intervenção artística, como instrumento prioritário para a solidificação de uma identidade cultural. Quase 100 anos antes da *Convenção-Quadro do Conselho da Europa sobre o Valor do Património Cultural na Sociedade Contemporânea* (assinado em Faro, em 2005 e entrado em vigor em 2011), o escritor produziu eventos culturais marcantes para a valorização do património cultural português e do mundo, nomeadamente em Alcobaça.

SUBJECT: Considerations about Cultural Heritage and Artistic Intervention

SUBTHEME: Literature and Heritage

Cristina Nobre (CICS.Nova-IPL): *Afonso Lopes Vieira: the Art Gatherings in Alcobaça as a consolidation of a Portuguese and worldwide heritage*

ABSTRAT: With the *Literary Gatherings* [*Serões Literários*] or *Art Gatherings* [*Serões de Arte*], performed in Alcobaça in 1913, 1929, 1935 and 1941, Afonso Lopes Vieira establishes the monumental and immemorial Portuguese heritage, through the artistic intervention, as a preferred means for the consolidation of a cultural identity. Almost 100 years before the *Council of Europe Framework Convention on the Value of Cultural Heritage for Society* (signed in Faro, in 2005 and enforced in 2011), the writer produced noteworthy cultural events towards the appreciation of Portuguese and worldwide cultural heritage, namely in Alcobaça.

***Afonso Lopes Vieira: os Serões de Alcobaça
como edificação de um património português e do mundo***

Cristina Nobre
CICS.NOVA – IPL

0. Em demanda do Graal: a missão da portugalidade.

[...] Todas as pessoas têm o direito de se implicar e de participar na valorização do Património Cultural, segundo as suas escolhas, como modo de assegurar o direito a tomar parte livremente na vida cultural. Daí a importância de promover e aprofundar a participação dos cidadãos na gestão e preservação do Património Cultural. Daí necessidade de colocar a pessoa humana e os seus valores no centro de conceito novo, alargado e transversal, de património cultural. Por isso, destacamos o valor e o potencial do património cultural bem gerido como recurso do desenvolvimento durável e da qualidade de vida. [...]

Guilherme d' Oliveira Martins (2016), *Na senda de Fernão Mendes...*: p. 22

A primeira conferência pública de Afonso Lopes Vieira (1878-1946), *O Povo e os poetas portugueses* [PPP], lida pelo autor no Teatro D. Maria II, em 12 de janeiro de 1910, é um manifesto programático que marcará as linhas da futura e madura *poesis* desta figura literária. Nesse texto são delineadas as grandes linhas de força daquilo a que o escritor chamará a *persistência poética da raça* [PPP: 9], que se tinha conseguido manter e afirmar sobre a *desnacionalização* de que Portugal vinha sendo vítima. No fundo, Lopes Vieira limitava-se a seguir, parcialmente, a argumentação exposta por Antero de Quental na sua conferência de 27 de maio de 1871, na sala do Casino Lisbonense, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos*, procurando encontrar uma solução exequível para acabar de vez com uma certa indiferença cultural.

A argumentação de Antero de Quental tinha, ao mesmo tempo, convencido e assombrado toda uma geração, já que os efeitos da decadência continuavam a fazer-se sentir, como concluía, sem muita esperança de redenção, de tal modo que só uma *revolução* podia resgatar uma saída da crise. Encontra-se este mesmo espírito de oposição, espírito revolucionário em busca de outras opções, na conferência PPP. A questão era posta na encruzilhada de uma luta entre dois adversários de valor — a *afirmação do carácter étnico* [PPP: p. 10] e o *mórbido desmazeladismo português, resultando natural, como forma passiva de resistência, do divórcio entre o Povo e o Estado*. [PPP: p. 10, nota].

Se Lopes Vieira pertenceu ao grupo de intelectuais defensores de um nacionalismo puro — sejam quais forem as denominações com que foram apodados... — a sua missão passou por múltiplas realizações artísticas em que o património era o núcleo fundamental e as suas palavras ou conferências, reunidas em 1922 no volume de ensaios *Em demanda do Graal*,

elucida-nos ainda hoje sobre o papel desempenhado na valorização do património cultural, quando esse conceito teria que esperar quase um século até à entrada em vigor, a 1 de junho de 2011, da *Convenção-Quadro do Conselho da Europa sobre o Valor do Património Cultural na Sociedade Contemporânea* (assinada em Faro, em 2005).

Philéas Lebesgue, eminente lusitanista e atento à obra de Lopes Vieira, referiu-se-lhe assim: “Obra piedosa de poeta, de historiador, de exegeta, de esteta, de patriota e de pensador, *Em demanda do Graal* é ardente evocação da alma portuguesa tradicional e das possibilidades novas que esta contém, em função do seu grande Passado.” (Philéas Lebesgue *apud* Campos, 1925a: p. XLVI). Na correspondência particular do poeta há um número considerável de referências a *Em demanda do Graal* [DG] quase todas valorizando a obra por uma certa militância cultural. Em carta de 27 de fevereiro de 1922, Augusto de Castro agradecerá nestes termos a oferta do livro: “— um dos padrões da sua cruzada admirável pela portugalização de Portugal.” [BML, *Cartas [...]*, vol. III]. Alfredo Guimarães, em carta não datada, elogia-o e coloca-o dentro de uma linha ética ortodoxa:

[...] As belas paginas de combate e elogio do *Em demanda do Graal* acrescentam o brilho aos louros que lhe pertencem pela sua sã e heroica empresa de nos salvar, como S. Miguel o Anjo, das penas do inferno do estrangeirismo. Esse livro deve estar sempre perto não só dos ignorantes das coisas belas do torrão natal, como ainda d'aqueles a quem, conhecendo-as, falta todavia a nobreza de character para, n'uma sociedade em dissolução, terem a coragem de erguerem por elas alto perdão. Sobre ser um livro de Arte elegante, o *Em demanda do Graal* é ainda um livro de moral. [*id.*, *ibidem*]

No momento da sua publicação, os ideais de DG eram vistos como uma resposta clara, educativa e positiva a uma crise social generalizada, sentida por um país à procura de uma fórmula redentora, ideológica, mas também política. Em carta datada de 14 de junho de 1922, Alberto de Monsaraz relacionava diretamente esse livro com os difíceis momentos vividos:

[...] Quando, porem, nos recordamos das datas em que taes conferencias foram feitas — de 1910 a 1920 — durante o longo martirio ascencional da republica, não podemos deixar de honrar e aplaudir, sobretudo, a coragem moral com que soube afirmar sempre a verdade nacionalista; com que reanimou, sem cessar, evocando-a, a alma da Raça Portuguesa, cujo corpo agónico, nós ainda tentamos reanimar. [...] [BML, *Cartas [...]*, vol. IV]

Para alguns contemporâneos mais cétricos, como Mendes dos Remédios, se não sobram dúvidas sobre a resistência deste livro de Lopes Vieira, elas acumulam-se ironicamente sobre a existência de uma *cavalaria de espírito*, capaz de levar a bom termo o projeto implicado na cruzada da portugalidade. Mendes dos Remédios mostra, ironicamente, as suas dúvidas e as suas certezas sobre DG:

[...] Nunca li prosa assim — grandeza de inspiração da primeira á última página, ironia de quem tem a alma acima das torpezas destas miserias actuais, e tudo num ritmo de oiro, do melhor, do mais puro.

Assim a prosa é um livro triunfal, a lingua magnifica-se. Grande livro — dos que não esquecem mais, dos que ficam entre os raros, nos séculos, para sempre. E o titulo? *Em demanda do Graal*. O que é o "Graal"? A alma que perdemos? Meu caro "Rei Artur" o mundo perdeu a riqueza dos sonhos. Vai só á "Demanda..." Os cavaleiros sumiram-se... [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. IV, carta datada de 6 de fevereiro de 1922]

Em carta datada de 31 de dezembro de 1922, Manuel da Silva Gaio define a cruzada como uma "[...] admiravel empresa de sementeiro e apóstolo da verdade portuguesa", e Lopes Vieira como "[...] esbelto cavaleiro que continua em demanda do vaso sagrado do nosso melhor sonho lusitano [...]" [*idem*, vol. I]. No vol. X há um registo de "XII Estatutos da Ordem do Graal", não datados, que podem, de algum modo, estar relacionados com este programa estético e ético do escritor, e que fazem imaginar a criação de uma confraria de intelectuais unidos nessa mesma luta, a *cavalaria de espírito* de cuja existência Mendes dos Remédios duvidava. É uma curiosidade a merecer investigação.

Qual foi o *sonho lusitano* de Lopes Vieira reunido em DG? O de abraçar a tradição, misturando-a com o novo, para alcançar um cânone imortal. A tradição é sonhada à volta de alguns tópicos fundamentais — o mito do amor supremo, a recuperação de uma escola de pintura portuguesa dos séculos XV e XVI, a recuperação da música original portuguesa com a defesa do canto coral e dos orfeões, a defesa da recuperação do património histórico, da poesia amorosa e da pureza da língua portuguesa. Seis programas dirigidos a diferentes áreas artísticas, todos eles reunidos sob um mesmo desejo de restituir, de devolver rejuvenescido algo adormecido ou simplesmente esquecido, em nome de uma valoração — a reintegração no cânone da portugalidade — desses novos objetos estéticos.

O mito do amor supremo, irmanado com a universal esperança redentora da morte, cuja matriz o poeta encontrou em *Tristan et Iseut* (restituído por Bédier), o *poema de todos os poemas, romance de todos os romances* [DG: p. 39], é, em Portugal, encarnado pelo modo como as figuras históricas de Inês de Castro e de D. Pedro se metamorfoseiam em lendas sob a ação da poesia. Partindo dos dados históricos fornecidos por Fernão Lopes nas *Crónicas*, passando pelas transposições poéticas de Garcia de Resende, António Ferreira e Camões, Lopes Vieira chegará aos túmulos do mosteiro de Alcobaça como a síntese representativa da "poesia mais lírica, mais trágica e mais misteriosa que sôbre êsse tema jamais foi criada", uma sublimação da "memória suprema dêste amor" [DG: p. 65].

Sem subalternizar as realizações poéticas que glosaram o tema inesiano, valorizadas pelo essencial panteísmo e sentimento da paisagem evidenciado (traços da sua poética saudosista), o poeta vai pôr em destaque um monumento funerário único que transforma os espectadores em testemunhas da tragédia de amor de Pedro e Inês. Seguindo de perto as

interpretações de Manuel Vieira Natividade em *Ignês de Castro e Pedro o Cru perante a iconographia dos seus túmulos*¹, de 1910, Lopes Vieira procura ler as edículas dos túmulos, bem como a rosácea, defendendo que aí se encontra já uma mistura da história e da lenda, impossibilitando assim uma objetiva aproximação erudita: "Debalde os eruditos virão aceitar ou rejeitar certos passos; debalde porque dos túmulos se exalará continuamente a lenda, que é a verdade da poesia e talvez a mais segura verdade." [DG: p. 71].

A conferência de 1913 em que expõe este sonho — *Inês de Castro na Poesia e na Lenda* [DG: pp. 39-74] — esteve na origem de uma das várias *festas de beleza* organizadas pelo poeta no mosteiro de Alcobaça, durante o Verão. Era uma forma de dar cobertura teórica a diversas manifestações estéticas como a declamação de textos poéticos do século XVI, a representação da tragédia *A Castro*, ou a declamação dos próprios poemas inesianos que depois se incluirão em *Ilhas de Bruma* [IB]. A conferência não era apenas uma forma pedagógica de abrir um serão literário, mas uma maneira de autorizar uma série de manifestações artísticas, emprestando-lhes a exemplaridade de atuações em prol da cultura. Cruzada cultural registada teoricamente pelo seu autor de tal modo que, no futuro, esquecidos os serões, continuem a ecoar as razões de uma preferência e fique justificada uma seleção de textos.

Em Alcobaça, pois, encontrou Lopes Vieira um ambiente histórico e artístico de exceção, ao qual procurou dar projeção nacional e internacional. Interessado por todos os temas da cultura portuguesa, evidenciando preferência temática pelos mitos formadores de uma certa ideia de nacionalidade, e por todas as descobertas que pudessem contribuir para enaltecer o valor artístico da nação portuguesa. À iniciativa do poeta se ficaram a dever vários *Serões de Arte*, realizados na antiquíssima nobre vila, *à sombra do mosteiro*, passeio que continuará a fazer pelos anos fora:

Eis-nos agora em a nobre Vila de Alcobaça, terra culta e rica e cuja cultura e riqueza foram criadas pela grande escola do Mosteiro; Alcobaça, berço de Portugal, onde a primeira infância do Reino foi acarinhada heroicamente pelos monges de hábitos brancos, enviados de França por D. Bernardo de Claraval — como

¹ Este livro tem a cota [BML, B-F-10-3-3807], e a seguinte dedicatória manuscrita de M. Vieira Natividade a Lopes Vieira: "Ao meu querido amigo, o poeta Affonso Lopes Vieira / como reconhecimento da direcção artistica deste / livro. / Alcobaça 25 agosto 1910." Depois das Notas, na p. 119, pode ler-se uma importante justificação sobre a inclusão dos clichés fotográficos na edição, fator que deve ter sido condicionado pela direcção artística do livro, assegurada pelo poeta (sendo do pintor António Carneiro a interpretação da 'Fonte dos Amores', e do escultor Costa Motta a reprodução da rosácea): "A photographia dos tumulos, total ou parcialmente, apresenta sérias difficuldades. Luz, distância, côr, alteração e como consequencia o perfeito, são coisas que difficilmente se vencem. § A mão do artista, embora honesto, não deixaria de pôr no desenho o character ou impressão pessoal. Como documentação, que era precisa, optamos pela frieza objectiva. § A curta distancia da cabeceira dos tumulos á parede, e especialmente a rosacea, de profundissima gravura, já levemente alterada pelo tempo e manchada de lichens verdes, dá certa dureza, por vezes mal traduzivel."

lhe chama a velha crónica — ao Rei fundador da Nação. Se eu fosse desfiar as recordações pessoais que a nobre Vila me sugere, falaria durante horas, por exemplo do primeiro serão de Arte no Mosteiro [...].

Afonso Lopes Vieira (1940), "Passeio nas Minhas Terras", *Nova demanda do Graal*: pp. 256-7.

1. Primeiro Serão Literário de Alcobaça: 17 agosto 1913

A 17 de agosto de 1913 realizou-se o primeiro *Serão Literário* de Alcobaça, que o escritor fez questão de organizar minuciosamente, contando com a preciosa ajuda de Vieira Natividade². O serão inaugural contou com trechos camonianos, o último ato de *A Castro*, de António Ferreira, e o então inédito soneto sobre "Os Túmulos" (posteriormente incluído na obra *Ilhas de Bruma*), ditos pelo ator Augusto Rosa, dança, música e poesia pelas irmãs Alice e Maria Rey Colaço, serão durante o qual o escritor proferiu a conferência *Inês de Castro na Poesia e na Lenda*, posteriormente integrada no volume de ensaios *Em demanda do Graal* (1922: pp. 39-74).

A correspondência com Augusto Rosa durante este período é muito grande, evidenciando o controlo total que Lopes Vieira exercia sobre a conceção integral do programa, raramente acedendo às alterações propostas pelo ator, sobretudo quando implicavam a escolha dos textos. Há uma interessante troca de bilhetes e cartas entre Augusto Rosa e o poeta, durante o mês de julho de 1913, que mostram uma discordância quanto à edição de *A Castro* a utilizar em Alcobaça: o poeta acaba por convencer o ator da prevalência do texto quinhentista de António Ferreira sobre a do romântico de Baptista Gomes. Veja-se a carta seguinte:

Querido Augusto:

Tenho estado a pensar em V., pensando nas leituras q. V. dirá em Alcobaça. E sou chegado a esta conclusão, q. lhe *proponho*. V. terá 2 n.ºs do programa — lendo no primeiro o q. já lhe digo, e no 2.º o *Episódio* dos Lusíadas. Ora essa primeira leitura seria a do final do acto V da *Castro* de Ferreira, começando no verso do *Infante* — *Que novas trazes?* e daí até ao fim. Esse final é soberbo de força, de calor e dor, e estou convencido q. V. gostará dele para o dizer lá. Leia-o e diga-me a resposta, p.^a se ir fixando o programa com tempo e descanso. Parecia-me terem assim as suas leituras, *ambas Inesianas*, mór nobreza e character. Espero resposta. — Começo apenas a convalescer...

Nossos melhores cumprimentos p.^a a Sr.^a D. L.

Amigo certo e admirador

Até cá!

Affonso

[ANTT, 545, p/2, 46, bilhete com carimbo de 5 de julho de 1913]

Embora a festa venha a ter um impacto muito grande junto do público, a verdade é que o evento era de tal modo inovador e diferente do fazer tradicional, que a imprensa da época

² Arqueólogo, escritor e etnógrafo, nascido em 1860 na localidade alcobacense de Casal do Rei, realizou obra notável de índole regionalista, nomeadamente com trabalhos sobre a história e pré-história de Alcobaça, tendo-se dedicado à interpretação iconográfica dos túmulos de D. Pedro e D. Inês.

mostra bem como este 1.º Serão se fez notado. Um jornalista do *Semana Alcobacense* chega mesmo a registar o que considera ser a pouquíssima preparação do público de então para um tipo de espetáculos culturais tão completos, como o do Serão:

Para falar com autoridade da linda e estranha festa que foi o serão de domingo último no claustro de D. Dinis do nosso Mosteiro, para a poder compreender tal qual ela verdadeiramente foi, é preciso dispor de uma educação artística e de uma educação literária, que nós sentimos bem faltar-nos completamente. Ainda, para isso, não é possível dispensar uma estreita afinidade com o passado, sobretudo com o assunto que motivou e serviu de tema ao serão de há oito dias; e nessa intimidade raros são os que vivem em toda a sociedade portuguesa. [...]

[AN, 24 de Agosto de 1913, pp. 1 e 2. [R, I: f. 96v.]]

O escritor sonha-a como uma festa especial para os amigos, a quem gostaria de surpreender com uma encenação estética particular, propícia à leitura do seu soneto. Sempre preocupado com a repercussão pública dos seus atos, pensa imediatamente em deixar esse final de festa na ignorância do grande público, o que mostra, ao mesmo tempo, como sabia controlar a sua imagem pública e não subestimava o poder da imprensa da época, antes procurava controlá-la a seu favor³.

Efetivamente, a reação da imprensa é muito favorável, e a cobertura do acontecimento é enorme, com reportagens e artigos inteiros de página principal, com clichés fotográficos e reprodução integral dos discursos produzidos, ajudando a construir uma projeção de mérito extraordinário à volta da realização desta festa única, e contribuindo para criar uma expectativa sobre necessidades artísticas futuras e apetência positiva na receção pelo público. Leiam-se as encomiásticas palavras de Serras Conceição, no *Notícias de Alcobça*, de 24 de Agosto de 1913, que servem de espelho às similares notícias produzidas pela imprensa da época:

[...] Foi essa Inês da lenda, que os poetas cantaram e *as águas do Mondego longo tempo chorando memoraram*; foi essa linda figura de mulher de *colo de garça*, desventurada amante dum príncipe cruelmente sacrificada pelos enredos de cortesãos ambiciosos e desapiedados, e que inolvidavelmente revive na tradição poética da fonte dos amores, que Afonso Lopes Vieira e Manuel Vieira Natividade quiseram levantar ante nosso espírito maravilhado na noite de 17, com o concurso brilhante de Augusto

³ Veja-se a missiva: “Querido Augusto: / Combinei com o Natividade, meu Embaixador espiritual junto de Inês de Castro, fazermos uma surpresa de grande arte aos nossos amigos q. estiveram no serão do dia 17 — e, é claro, só para eles. Claro q. conto consigo, como sempre. No fim do serão iremos ver os túmulos à luz de tochas (depois do público sair, já se vê) e então seria belo q. V. lesse o Soneto q. vai na outra página, e é feito sobre o adeus de Dom Pedro q. se lê no túmulo dele — *Até ao fim do mundo*, com cuja citação e explicação termino até a mh.^a conferência, de modo q. todos compreenderão o *feito*. Tenho a certeza de q. a Sr.^a D. Leonor e V. gostarão da ideia, e com certeza mt.^o poucas vezes *no mundo* um artista terá recitado em tais condições! — Aqui vai pois o soneto, e oxalá V. goste dele. (Farei com q. nos jornais se não fale deste final do Serão p.^a evitar qualquer cousa *bléssante* p.^a alguns de nós.) Quando chegarem ao Valado já nós lá estaremos na estação, e os jograis de Inês de Castro irão todos juntos e espero q. mui bem dispostos. Esperamos q. a Sr.^a D. Leonor se sinta melhor. Enviamos-lhe os melhores cumprimentos. Grande abraço para si do / Affonso” [BML, A29, n.º 32456, nd. [1913?]].

Rosa – o mestre incomparável do teatro português – que sobretudo na leitura do acto V da *Castro* de António Ferreira teve o auditório verdadeiramente suspenso, tomado de assombro e comoção. / Não podia ser mais completo o êxito. [...] (Conceição, 1913: p. 1)

Só uma materialização posterior do programa, onde se incluíam os recortes dos jornais da época que referissem o evento⁴, consegue aligeirar o período de melancolia e solidão que se segue aos grandes acontecimentos culturais — transformados em primeiro motivo de vida de um esteta claramente assumido. De facto, os poderes locais registem na memória institucional a intervenção de Lopes Vieira a favor da cultura alcobacense. A Câmara Municipal de Alcobaça, na sua sessão de 27 de agosto de 1913, regista a seguinte homenagem a Afonso Lopes Vieira:

Que não devendo a câmara municipal desinteressar-se de qualquer facto que concorra para o celebrar esta vila, chamando a atenção dos estranhos para as suas coisas notáveis, e reconhecendo que a festa de Arte, realizada no Claustro do Mosteiro em 17 de Agosto, teve a beleza estranha de um acontecimento surpreendente, impregnado de beleza genial e poesia emotiva, que a toda a assistência maravilhou, resolve consignar na acta a homenagem de respeito e consideração da câmara pelo ilustre poeta sr. ALV; e os seus agradecimentos por ele se ter dignado escolher Alcobaça para a realização do sarau literário e artístico, que para o seu altíssimo valor lhe bastava a preciosa jóia literária que é a conferência apresentada por aquele delicadíssimo poeta. [R, I: f. 97v.]

Mas o evento só ganhará tradição através dos esforços individuais a que a imprensa dá projeção nacional. Pelos anos fora, Lopes Vieira vai continuar o seu empenho na realização destes Serões de Alcobaça, ligando-os, aos poucos, cada vez mais à área musical, campo no qual tinha vários amigos que se disponibilizavam para fazer parte de um programa musical, no Verão.

2. Segundo *Serão de Arte de Alcobaça*: 12 agosto 1914 | julho 1929

Em Agosto de 1914 organiza novo Serão em Alcobaça, rebatizado *Serão de Arte*, por lhe parecer que o *literário* tinha *um ar um pouco pelintra*. Como diz numa carta de 21 de julho de 1914, para Leonor Rosa: "[...] Este ano chamo *Serão de Arte* porq. o *Literário* tinha um ar um pouco pelintra, não é verdade? [...]" [BML, A125, n.º 33782].

⁴ São vários os recortes relacionados com este evento cultural, preservados no álbum *Rememranças, vol. I*. Citamos apenas os principais: "O serão literario e musical em Alcobaça", sl., sd., [18 de Agosto de 1913]. [R, I: f. 95v.]; "Uma Festa d'Arte" in *Semana Alcobacense*, 24 de Agosto de 1913, pp. 1 e 2. [R, I: f. 96v.]; "Na Sala do Capitulo. O jantar", sl., sd., [1913]. [R, I: f. 97r.]; "Camara Municipal. Sessão de 27 de agosto", sl., sd., [1913]. [R, I: f. 97v.]; "Curiosa comemoração", sl., sd., [1913]. [R, I: f. 98r.]; "Em honra de D. Pedro e D. Ignez, uma noite de sonho no mosteiro de Alcobaça", sl., sd., [1913]. [R, I: f. 98v.]; ARANHA, P. W. de Brito, (1913) "Uma carta do Sr. Brito Aranha (Figueira da Foz, 31-VIII-913)", sl., [1913]. [R, I: f. 96r.]; CONCEIÇÃO, Serras, "Uma festa de arte no Mosteiro de Alcobaça" in *Noticias de Alcobaça*, 24 de Agosto de 1913, pp. 1 e 2. [R, I: f. 97r.]; CUNHA, Alfredo da, [1912] "Affonso Lopes Vieira", sl., sd., [1912]. [R, I: f. 88r.] e (1913) "Uma carta do Dr. Alfredo da Cunha" " in *Noticias de Alcobaça*, 24 de Agosto de 1913, pp. 1 e 2. [R, I: f. 97r.]; REGO, Alberto, [1913] "Serão no claustro do convento de Alcobaça", sl., sd., [1913]. [R, I: f. 97v.]

O programa provisório concebido do "Serão Musical e Literário no claustro do mosteiro de Alcobaça", para 12 de agosto de 1914, era, efetivamente, grandioso, com Berta e Viana da Mota, declamações por Augusto Rosa, coros de Mme. Bensaúde, e interpretações de Bach, Mozart, Wagner, Cesar Frank e D'Albert.

Veja-se o programa, tal como se encontrava delineado [BML: ms. n.º 33406]:

SERÃO. DE. ARTE. NO. CLAVS | TRO. DO. MOSTEIRO. DE. AL | COBAÇA

EM QUE TOMAM PARTE A | SENHORA D. BERTHA VIAN- | NA DA MOTA, UM CÔRO | DE
SENHORAS, J. VIANNA | DA MOTTA, PEDRO BLAN- | CH E AVGVSTO ROSA.

Aos | 12 de Agosto de 1914

/ Juntamente com as Reaes cinzas da Raynha D. Ignez fez elRey D. Pedro depositarios aos monges de Alcobaça do seu proprio coração, que quando mais distante do Mosteyro de lá attendia com toda alma, com todos os seus affectos até ás mesmas paredes da real casa; venerando-as com hua continua lembrança, como a urna Sagrada das idolatradas cinzas; & por que a singeleza daquelles tempos ainda não introduzia nem permittia os faustos modernos, hia & vinha elRey ao Mosteyro muitas vezes seguido de um lacayo não mais; assim no tempo em que se lavraram as sepulturas como ao depois de já trasladada a Raynha.

FR. MANUEL DOS SANTOS
Chronista Geral da Ordem de S. Bernardo. /

.PROGRAMA.

Palavras para abrir o Serão, pelo Sr. AFFONSO LOPES | VIEIRA.

I — *Chaconne*.....J. S. BACH-BUSONI

II — *Aria da Cantata de Pentecostes*.....J. S. BACH

pela Senhora D. BERTHA VIANNA DA MOTTA,

com acompanhamento de piano pelo Sr. J. VIANNA DA MOTTA

e de violoncelo pelo Sr. JOSÉ HENRIQUES DOS SANTOS.

III — *Leitura de uma scena da Castro* (seculo XVI)...ANTONIO FERREIRA

IV — 1) *Aria*.....J. S. BACH

2) *Preludio*..... ""

pelo Sr. PEDRO BLANCH (violino)

V — *Leitura de uma scena da Nova Castro* (seculo XVIII)... JOÃO BAPTISTA GOMES

pelo Sr. AUGUSTO ROSA

VI — *Hino medieval*.....D'ALBERT

VII — 1) *Preludio em mi bemol menor* (do *Cravo bem temperado*)... J. S. BACH

2) *Preludio e Fuga em ré maior*..... ""

VIII — 1) *"Estando vós a meu lado"*.....J. S. BACH

2) *"Assim vos ides, meu Jesus"*..... ""

Córos, com acompanhamento de órgão, cantados pelas Ex.mas discipulas de Madame JANE
BENSAUDE

PIANO BECHSTEIN | DA CASA LAMBERTINI, LISBOA

NA IGREJA

Crux fidelis.....EL-REI D. JOÃO IV

pelo quarteto de cordas, composto por amadores de Alcobaça, |sob a direcção do Sr. DR. A. NEVES

NOTA

Atendendo ao logar, pede-se para não aplaudir esta parte do concerto

O escritor reserva para si um papel mais modesto do que no ano anterior, e as suas *breves palavras* servem de *prólogo ao Serão* [SAlc], permaneceram inéditas⁵. Trata-se de um prefácio pedagógico, uma orientação do mestre que explica à escolhida audiência o significado a retirar do evento e a projeção simbólica deste num mundo dedicado à arte. A posição professoral de Lopes Vieira é assumida com a naturalidade de um guia a encaminhar o seu grupo numa direção conhecida e desejada. Embora o Serão seja realizado pelos *mais eminentes artistas*, o escritor é o anfitrião e a ele cabe o difícil papel de transformar uma noite de arte numa *tradição* pela arte, o que significa ser capaz de ver e pressentir, para além do tempo circunstanciado de uma noite, o ideal eterno da arte, a preocupação com a defesa do património português, num claro intuito de devolver aos portugueses a consciência e o orgulho na riqueza cultural do seu país.

Duas ideias-chave percorrem as *palavras* introdutórias (de SAlc): a ideia de que a estética e a religião se fundiram na única razão de encanto possível do público e da glorificação da arte portuguesa, e a ideia de que o local em que se encontram é fundamental para convocar a História de Portugal e a consciência da nacionalidade. Lopes Vieira liga a primeira ideia à segunda com a consideração da importância do ambiente para a criação artística, seja ele a música ou a literatura:

Eis-nos pois aqui, romeiros e peregrinos da Beleza, achando para a nossa sêde de adoração espiritual este calmo e vetusto refugio de sonho aonde não chega esta noite o tumulto das rialidades, e obtendo nêle a primeira condição para q. uma obra de arte se desenvolva em toda a plenitude — a condição singular da *ambiencia*, q. é como imarcessível flor cujo perfume tam raras vezes logrâmos aspirar na vida. [SAlc: 2-3 *apud* Nobre 2005, II vol.: 515]

O ambiente religioso transforma-se no lugar ideal para a arte florescer, do mesmo modo que o sentimento estético preencheu, substituindo-o, o sentimento religioso. A arte transformou-se na *graça espiritual*, o q. de mais alto e puro o espírito dos homens pôde conceber [SAlc: 1 *apud* Nobre 2005, II vol.: p. 514], e se a arte é a pureza máxima, então o mosteiro de Alcobaça é o local onde a consciência nacional se pode renovar, na lembrança da vitória alcançada sobre os castelhanos em Aljubarrota e da época de pujança única na História de Portugal simbolizada na comparação de D. João I e seus validos ao Rei Artur e aos cavaleiros da Távola Redonda. Ao procurar fazer coincidir a noite do serão com o aniversário da Batalha de Aljubarrota, o poeta é o responsável por esse cruzamento do estético na nacionalidade, fazendo convergir nos túmulos dos amantes a síntese lírica de Portugal:

⁵ Veja-se Nobre, 2005, II vol.: pp. 509-517, com transcrição das “Palavras para abrir o Serão, Alcobaça – 1914” [SAlc].

É este tema, sempre vivo e palpitante neste lugar e perpetuado em duas maravilhosas obras de arte q. sugerem a saudade e o ideal do Lirismo nacional, é este tema q. o mestre glorioso do nosso teatro, pronto sempre a dispensar-nos a sua colaboração admirável, evocará em leituras clássicas, para q. o sentimento da Poesia Portuguesa se ajunte à grandeza da Música Alemã e essas duas almas líricas na mesma altura se confundam. No conjunto de esta festa q. seria bela e rara em todo o vasto mundo, apenas são pobres as minhas palavras [...]. [SAlc: 4 *apud* Nobre 2005, II vol.: p. 517]

O amor à arte, o amor à poesia portuguesa e à música, a crença no lirismo como fio condutor de uma sensibilidade particular dos portugueses justificariam mundialmente, sob o prisma falsamente modesto de Lopes Vieira, o Serão de 1914, e justificam, sem necessidade de escusa de espécie alguma, quanto a nós, a dedicação fervorosa do poeta às coisas belas. Promotor de eventos culturais e guia espiritual de uma elite para quem a arte é a religião suprema, a presença de Lopes Vieira serviria de fulcro à volta do qual os eventos de ordem estética ganhavam novas energias e uma dimensão espiritual única.

Mas estas *romagens pela arte* foram interrompidas pelo clima da Primeira Guerra Mundial e o serão de 1914 acabou por não se realizar. Lopes Vieira guardou em lugar de destaque a missiva de Viana da Mota, em que este lamenta o fracasso para a arte portuguesa. O postal diz o seguinte:

Meu prezado Amigo
 Bem grande foi o nosso desgosto por não se poder realizar o nosso Serão preparado com tanto carinho. De resto eu já previa esta catástrofe. A maldita guerra até os prazeres mais elevados estraga. Mas esperamos que ainda venha a ser um dia.
 Conte V. Ex.^a sempre connosco que lhe enviamos os melhores cumprimentos.
 De V. Ex.^a
 Am.º e adm.ºr

Vianna da Motta.

[BML, RI, f. 103v, Carta de Viana da Mota, de 14 de agosto de 1914]

Em julho de 1929, em mais uma conferência dedicada à defesa do património arquitetónico do Mosteiro de Alcobaça⁶, intitulada *No Mosteiro de Alcobaça*, Lopes Vieira rememora o serão de 1913, e explica como o plano inicial de alargar o âmbito dos programas até chegar à representação do teatro clássico português, projeto para o qual tinha convertido o ator Augusto Rosa, foi sendo desmoronado pela I Guerra Mundial. Com esta conferência procura "reatar o fio que nós atámos e o destino quebrou" [NDG: p. 61], mas as cerimónias de arte só regressaram ao mosteiro alguns anos depois.

Nesta altura, as iniciativas são de novo retomadas, quando da reintegração da sala do Refeitório, num clima de aberta e positiva expectativa, registado na referida conferência, em

⁶ Desta vez tratava-se da aspiração à reintegração da igreja do Mosteiro, obras que efetivamente foram levadas a cabo no ano seguinte, por iniciativa da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, e dirigidas até ao ano de 1933 por António Vieira Natividade.

relação aos "honrados esforços de inteligência e de acção empregados pelos mestres e discípulos do Nacionalismo Português, os quais não só criaram o ambiente em que as realizações patrióticas eram possíveis, mas nortearam a própria acção do Estado [...]" [NDG, 1942: p. 74]. Na sequência da entrada do *Guia de Portugal* sobre o mosteiro de Alcobaça (1927: pp. 612-29), da autoria do poeta, reveladora do seu grande interesse e da cuidada investigação histórica desenvolvida, o escritor permite-se um longo excursão interpretativo pela *sala dos túmulos*, fazendo intervenções de ordem cívica que haveriam de ser tomadas em conta, como regista no Serão de 1929:

[...] Quando escrevi para o *Guia de Portugal*, da Biblioteca Nacional de Lisboa, a notícia acerca deste mosteiro, disse aí que a sala do Refeitório tinha sido sacrificada com a adaptação do teatro e que muito era para desejar que fosse reintegrada na parte visitável do monumento — o que faria honra ao conhecido espírito de cultura dos naturais da nobre Vila. Este voto, que era o de quantos amam o património nacional, realizou-o esse espírito de cultura — e com quanto contentamento vemos surgir esta sala de admirável arquitectura, simples e grandiosa no seu ritmo perfeito!

Ao estreá-la esta noite para as festas espirituais e de gosto impecável, pois que apenas essas devem aqui ser possíveis, recordo aquele outro serão de Agosto de 1913 em que, no claustro superior, a uma luz semelhante a esta, o mosteiro foi inaugurado para as belas romagens da arte, e depois para as funções de exposição regional, em que as flores ficavam tão belamente emolduradas.

Recordo neste momento com saudade e respeito o meu colaborador dessa noite, o homem que mais altamente demonstrou o seu amor a estas nobres terras de Alcobaça, Vieira Natividade; e lastimo ainda, como Viana da Mota nessa ocasião o lastimou comigo, que a guerra europeia tivesse tão tragicamente quebrado o fio desses serões de romagem espiritual, que deveriam ter-se realizado anualmente, vindo aqui os mais eminentes profissionais e amadores de arte portugueses. [...] [NDG, 1942: pp. 60-1]

Na conferência, refere-se a outros monumentos patrióticos da província, o castelo de Leiria, o castelo de Tomar, o mosteiro da Batalha, até chegar aos túmulos de D. Pedro e de D. Inês, para expor a sua adesão à hipótese levantada por José de Figueiredo e em grande parte sustentada pela opinião de Émile Mâle de que o escultor dos túmulos seria português e não francês, como defendia a crítica mais tradicional. As considerações iniciais são sobretudo interessantes pelo valor de *unicum* atribuído aos túmulos:

Porque é preciso lembrar sempre que o que torna singulares no mundo estes monumentos religiosos, destinados a ficar numa igreja, é que nêles se abriu a *única* excepção conhecida em tôda a vastíssima iconografia medieval, isto é, que nêles se esculpíram temas históricos, de amor humano e não apenas assuntos religiosos, de amor divino. [NDG: p. 72]

Este mesmo ponto tinha sido desenvolvido até à exaustão na conferência intitulada *Dona Inês de Castro*, pronunciada em Sevilha, em 6 de outubro de 1929, durante a "Semana Portuguesa em Sevilha", integrada na "Exposição Hispano-Americana de Sevilha", onde o

poeta aparece preocupado em divulgar a tese da nacionalidade portuguesa do escultor dos túmulos como a sua nova cruzada⁷.

Por vezes o enunciado teórico de alguns valores canónicos acabará por ser transposto pelo poeta para a própria produção literária, numa verdadeira interpenetração de papéis. De um esquecido e inaugural romance intitulado "Pedro Cru", dado a público exclusivamente na antologia de 1904 *Poesias Escolhidas* [PE: pp. 37-43], um esboço para uma figuração dramática, passando pelo projeto de *O Romance de Pedro e Inês*, enunciado em *Ilhas de Bruma* como estando em preparação⁸, até ao livro *A Paixão de Pedro o Cru* [PPC], com uma 1.^a edição em 1940, seguida de outra em 1943, passam mais de 20 anos em que o tema não deixa de obcecar Lopes Vieira, chegando inclusivamente a metamorfosear-se em guião para o cinema de índole nacionalista, com o filme *Inês de Castro*, de 1945, de Leitão de Barros.

3. Terceiro Serão de Arte de Alcobaça: agosto 1935

A partir de 1935, as romagens readquirem uma funcionalidade específica em ligação com as obras de restauro do Mosteiro, embora sem nunca alcançarem o brilho dos primeiros serões. Nesse mesmo ano, Lopes Vieira conseguia levar à cena, no adro do mosteiro, a representação de *A Castro* e, no claustro, do *Auto da Mofina Mendes*, pela empresa Rey Colaço-Robles Monteiro, num espetáculo a que assistiram entre cinco a seis mil pessoas.

Em 24 de agosto de 1935, num artigo do *Diário de Lisboa* pode ler-se a preocupação constante, em que se pressente a vontade do poeta, de devolver a arte dramática do espetáculo ao povo: "[...] E porque os preços dos bilhetes são muito acessíveis, o espectáculo pode também, e na verdade, apontar-se como um grande espectáculo popular". (AN, 1935: p. 3).

⁷ Veja-se a diplomacia com que expõe perante o público espanhol essa tese: "Antes de mais, acentuarei com grande satisfação que estas joias de arte devem ser obra de um artista português. Até há pouco eram atribuídas a um mestre francês e semelhante opinião chegou a considerar-se indiscutível em Portugal. A hipótese de um escultor espanhol foi arredada pelos próprios críticos de este país, embora a influência espanhola se revele na disposição muçulmana de alguns arcos em ferradura. § Foi o dr. José de Figueiredo, o eminente director do Museu de Arte Antiga, de Lisboa, quem sugeriu a hipótese nacionalista dos túmulos, e quem indirectamente apoiou foi o professor Mâle, sem dúvida a mais segura autoridade em assuntos de iconografia da Idade Média. § O que parece evidente é que esse artista extraordinário recebeu a própria inspiração de D. Pedro, sendo natural que para exprimir na pedra semelhante inspiração, a nacionalidade do escultor fosse a mesma do rei. E notemos como mui importante indicação que a inscrição única que nos túmulos se lê, não está redigida em latim, conforme o uso, mas na língua nacional. O que é certo é que D. Pedro e o seu artista criaram uma obra para cuja iconografia se buscava em vão outro exemplo em toda a escultura da época, isto é: em monumentos religiosos, destinados a ficar numa igreja, foram esculpidas as lembranças da terra e as memórias do amor profano, rompendo-se para isto com os cânones que impunham á iconografia tumular os preceitos da religião e do amor divino. [...]" (in *A Voz*, de 7 de Outubro de 1929, apud *Rememoração*, II: fol. 16 v.).

⁸ Já numa carta datada de 9 de junho de 1916, para Leonor Rosa, o poeta revela alguns dos projetos de trabalho, entre os quais se situa esse romance: "[...] tenho projectos de trabalho, mas farei alguma coisa? Duvido. Esta incertesa do mundo perturba-me mt.º, bem o sabem. Gostaria de escrever *O Romance de Pedro e Inês*, como o de *Tristão e Isolda* — sem erudição aparente, sem notas históricas — o conto contado na sua simplicidade e grandeza góticas. [...]" [BML, A118, n.º 33606].

Conseguia, assim, reunir as condições que lhe permitiam a metamorfose desejada entre um ato individualista de puro gozo estético para um ato nacionalista de pleno usufruto patrimonial, por um grupo alargado de portugueses, naquilo a que hoje chamaríamos uma clara consciência da necessidade de democratizar o acesso às manifestações artísticas nacionais como reflexão sobre a própria identidade cultural⁹.

4. Quarto *Serão de Arte de Alcobaça*: agosto 1941

Em 1941 ainda consegue voltar a editar este programa, com uma segunda representação de *A Castro*, mas era evidente que muitas promessas de 1929 tinham ficado por cumprir, como algumas notas acrescentadas à conferência *No mosteiro de Alcobaça* demonstram. A questão da interpretação da iconografia dos túmulos bem como a polémica sobre a colocação exata dos mesmos inquietaram profundamente o escritor, que nunca deixou de olhar para Alcobaça como uma terra de arte. Quando publica a conferência *No Mosteiro de Alcobaça* no volume de ensaios *Nova demanda do Graal*, acrescenta a nota 12), onde se pode ver bem a sua desilusão com a pouca eficácia da instituição cultural em Portugal: “Em 1940 foi oficialmente determinada a re-colocação dos túmulos, não executada todavia até agora. (Fevereiro de 1942).” [NDG: p. 74]. Ao mesmo tempo, são um sinal inequívoco da desilusão de Lopes Vieira com a capacidade de Portugal para cumprir o ambicioso programa de *reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu*.

Paralelamente ao sucedido com a campanha dedicada a Gil Vicente, o programa dedicado aos Serões de Alcobaça finalizava para Lopes Vieira com uma nota de amargura: a de alguém que, amando profundamente o seu país, a sua arte e o seu património, estrategicamente concebeu vários programas culturais para o divulgar e fazer amar, nacional e internacionalmente, para concluir da pouca eficácia com que os poderes estatais utilizam esse bem único e essencial. As palavras ditas na conferência inédita, *Glórias de Leiria*, revelam-se de uma atualidade assustadora e mostram-nos como há erros culturais que se podem refletir na história da cultura de um país com o amargo sabor de velhos fantasmas de glórias passadas, que continuamos a não saber reinvestir no futuro europeu de Portugal:

Alcobaça, sempre à sombra do seu mosteiro e sob a influência dos seus túmulos célebres no mundo, tem disfrutado as vantagens e a nobreza duma terra de arte. Razão para que os chamados homens práticos compreendam que até o comércio, os negócios, as coisas materiais da vida, só prosperam quando os

⁹ Há um conjunto de correspondência trocada entre Amélia Rey Colaço e Lopes Vieira sobre este serão, que vale a pena ler para se perceber até que ponto as preocupações estéticas do escritor eram totais, incluindo, por exemplo, o pormenor da iluminação, propondo uma *iluminação de velas* como a mais adequada para o ambiente do mosteiro. (*A Companhia Rey Colaço [...]*, 1989: 52-3).

interesses espirituais os cobrem e os ajudam a desenvolver-se. O mestre genial que lavrou os túmulos de Alcobaça fez muito mais por essa vila que todos os seus comerciantes e capitalistas, e Alcobaça é citada no mundo e é um centro universal de turismo porque algumas esculturas sublimes foram abertas num calcáreo em memória duma tragédia que os poetas tornaram imortal. (*apud* Nobre, 2005, II: 672)

Talvez Antero de Quental suspeitasse que a reedificação nacional não se pode fazer sobre espectros... Mas Afonso Lopes Vieira quis povoar o património cultural dos portugueses com a glória do passado: terá conseguido algo mais duradouro do que o brilho episódico de fantasmas?

Referências Bibliográficas:

Bibliografia Ativa:

- Vieira, Afonso Lopes, 1910, "Trindade Coelho: A proposito do seu volume de Cartas" in *A Lucta*, 27 de Fevereiro, p. 1.
- _____, 1904, [PE] *POESIAS ESCOLHIDAS — 1898-1902*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.
- _____, 1910, [PPP] *O POVO E OS POETAS PORTUGUESES*. Conferência lida pelo autor no teatro D. Maria II em 12 de Janeiro de 1910, Typ. "A Editora", Lx.
- _____, 1914, [SAle] *Palavras para abrir o Serão [Alcobaça 1914]* [BML, n.º 33406 e 32880]
- _____, 1917, [IB] *ILHAS DE BRUMA*, of. de Francisco França Amado, Coimbra, 14 de Abril.
- _____, 1922, [DG] *EM DEMANDA DO GRAAL*, Soc. ed. Portugal-Brasil, Lx.
- _____, 1927, "MOSTEIRO DE ALCOBAÇA" e "PINHAL DE LEIRIA E S. PEDRO DE MOEL" in *Guia de Portugal*. 2.º vol. *Estremadura, Alentejo, Algarve*, "Bib. Nac. de Lisboa", Lx., pp. 612-26 e 648-52.
- _____, 1929, "POR AMOR AO MOSTEIRO" — Conferência por Afonso Lopes Vieira (no serão dedicado aos operários de Alcobaça) em 25 de Julho de 1929, in *Notícias de Alcobaça*, Alcobaça, 28 de Julho de 1929.
- _____, 1929, "DONA INÊS DE CASTRO" — Conferência do sr. dr. Afonso Lopes Vieira, pronunciada em Sevilha, in *A Voz*, ano III, n.º 967, Lx., 17 de Outubro, pp. 1-2.
- _____, 1939-40, [PPC] *A Paixão de Pedro o Cru*, Liv. Sá da Costa, Lx., Dezembro-Janeiro (1.ª ed.) — 1943, *A Paixão de Pedro o Cru*, Liv. Sá da Costa, Primavera, Lx. (2.ª ed.).
- _____, 1941, "A Castro representada diante da Grande Fachada de Oiro da Igreja de Alcobaça é um Espectáculo de Beleza Universal — diz Afonso Lopes Vieira" in *Diário de Notícias*, n.º 27133, 23 de Agosto, p. 1.
- _____, 1942, [NDG] *NOVA DEMANDA DO GRAAL*, Liv. Bertrand, Lx.

Espólio da Biblioteca Municipal de Leiria:

- BML, *Cartas e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*, XIV volumes.
- BML, A29 - Correspondência de Afonso Lopes Vieira a Augusto Rosa.
- BML, A118 - Correspondência de Afonso Lopes Vieira a Leonor de Castro Guedes Rosa.
- BML, A125 - Correspondência de Afonso Lopes Vieira a Leonor de Castro Guedes Rosa.
- BML, RI, f. 103v, Carta de Viana da Mota.
- BML, ms. n.º 33406 – *Palavras para abrir o Serão de Alcobaça*.

Espólio do Arquivo Nacional da Torre do Tombo:

- ANTT, 545 - correspondência de Afonso Lopes Vieira a Augusto Rosa.

Bibliografia Passiva:

- Anónimo, (1913) "Uma Festa d'Arte" in *Semana Alcobacense*, 24 de Agosto de 1913, pp. 1 e 2. [R, I: f. 96v.]
- Anónimo, (1913) "Camara Municipal. Sessão de 27 de Agosto", sl., sd., [1913]. [R, I: f. 97v.]

- Anónimo**, (1929) "Um Serão de Arte no Mosteiro de Alcobaça. Do brilhantíssimo programa fez parte uma notável palestra do sr. dr. Afonso Lopes Vieira (Alcobaça, 25)" in *Diário de Notícias*, n.º 22807, "de Norte a Sul", 27 de Julho de 1929, p. 11. [R, II: f. 65r.]
- Anónimo**, (1929) "*Por Amor do Mosteiro*. Conferencia por Afonso Lopes Vieira (no serão dedicado aos operários de Alcobaça) Em 25 de Julho de 1929" in *Notícias de Alcobaça*, Julho de 1929. [R, II: f. 65v.]
- Anónimo**, (1929) "A 'Semana Portuguesa' em Sevilha. O sr. Afonso Lopes Vieira realizou, ontem, com grande êxito, a sua brilhante conferencia" in *O Século*, 7 de Outubro de 1929. [R, II: f. 67r.]
- Anónimo**, (1929) "Dona Inês de Castro. Conferencia do sr. dr. Afonso Lopes Vieira, pronunciada em Sevilha. Realizada na Semana Portuguesa em Sevilha, no dia 6 de Outubro de 1929" in *A Voz*, 7 de Outubro de 1929. [R, II: f. 16v.]
- Amaro**, Luís, (1972) "Correspondência inédita de Afonso Lopes Vieira" in *Colóquio/Letras*, n.º 5, Janeiro: 37-43.
- Campos**, Agostinho de, (1925) (org. e pref.) *Afonso Lopes Vieira (Verso e Prosa)*, "Antologia Portuguesa", Lisboa: Livr. Aillaud & Bertrand.
- Coelho T[rindade]**, (1961) "Sobre o Nacionalismo Literário" in *O Senhor Sete*, Lx., pp. 243-90.
- Conceição**, Serras, "Uma festa de arte no Mosteiro de Alcobaça" in *Notícias de Alcobaça*, 24 de Agosto de 1913, pp. 1 e 2. [R, I: f. 97r.]
- Mourão-Ferreira**, David, (1979) "Dois textos sobre Afonso Lopes Vieira" in *Lâmpadas no escuro — de Herculano a Torga — ensaios*, Lisboa: Arcádia: 103-38.
- Martins**, Guilherme d' Oliveira, (2016) *Na senda de Fernão Mendes: percursos portugueses no Mundo*, Conferências do Mosteiro, Batalha.
- Natividade**, M. Vieira, (1910) *Ignês de Castro e Pedro o Cru perante a iconographia dos seus tumulos*, clichés de Ant. Natividade, typ. "A Editora", Lisboa.
- Nobre**, Cristina (2005) *Afonso Lopes Vieira. A reescrita de Portugal*, vol. I e vol. II, *Inéditos*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pereira**, José Carlos Seabra, (1983) "Tempo neo-romântico (contributo para o estudo das relações entre literatura e sociedade no primeiro quartel do século XX)" in *Análise social*, vol. XIX, n.ºs. 77-78-79, 3.º, 4.º e 5.º: 845-73.
- Quental**, Antero de, (1996) *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares [apud Prosas*, vol. II, Imp. da Un. de Coimbra, 1926], Lisboa: Ulmeiro, 7.ª ed.
- Ribeiro**, Aquilino, [1949] "Afonso Lopes Vieira e a Evolução do seu Pensamento" in *Camões, Camilo, Eça e alguns mais*, Lisboa: Ulmeiro, sd.: 271-335.
- Ribeiro**, Armando, (1935) "Recordações. Nos claustros de Alcobaça" in *Diário de Lisboa*, n.º 4586, ano 15.º, Lx., 24 de Agosto, p. 2.
- Simões**, João Gaspar, (1959) "O Renascimento Nacionalista. 2) Fase esteticista: Afonso Lopes Vieira e o Saudosismo Arcaizante" in *História da Poesia Portuguesa do século vinte*. Acompanhada de uma antologia, des. de Bernardo Marques, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade: 351-6.
- Trigueiros**, Luís Forjaz, (1979) "Identidade cultural e humana de Afonso Lopes Vieira" in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*, Sessão solene comemorativa do 1.º centenário do nascimento de ALV, em 26 de Outubro de 1978, tomo XX, Lx., pp. 333-50.